

“Um pedacinho de terra perdido no mar”: um novo destino turístico em construção¹

“A little piece of land lost at sea”: a new tourist destination in construction

Luciana Rossato², Mariane Martins³

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os discursos que tem como tema o passado da cidade de Florianópolis e que passaram a ser acionados para alavancar o turismo na cidade durante a década de 1980, período no qual ocorreu o “boom” do turismo, e que desencadeou mudanças significativas, tanto culturais como estruturais na capital do estado de Santa Catarina. Para isto selecionamos um conjunto de notícias veiculadas pelo jornal *O Estado* na década de 1980. O interesse em transformar a cidade em uma rota turística fez com que o discurso açorianista fosse remodelado.

Palavras-chave: História de Santa Catarina, turismo, açorianidade.

Abstract: This article aims to analyze the discourses whose theme is the past of the city of Florianópolis and that came to be activated upon to boost tourism in the city during the 1980s, during which had occurred the “boom” of tourism, and which triggered significant changes, both cultural and structural in the state capital of Santa Catarina. For this we had selected a set of published news by THE STATE newspaper in the 1980s. The interests in transforming the city into a tourist route made the açorian speech were remodeled.

Keywords: History of Santa Catarina, tourism, Azoreanity

¹ Artigo produzido a partir da pesquisa “História, representação e memória coletiva nos discursos de divulgação turística de Santa Catarina e de Florianópolis (1980-2010)” desenvolvido no Centro de Ciências Humanas e da Educação/UDESC sob a coordenação Dra. Luciana Rossato.

² Doutora em História, professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. lucianarossato@yahoo.com.br.

³ Mestranda. Programa de Pós-graduação em História/UDESC. marianeh3@hotmail.com.

Esta pesquisa parte da análise de notícias, veiculadas no jornal *O Estado* durante a década de 1980, cujo tema esteja relacionado com o turismo enquanto uma nova possibilidade econômica para a cidade de Florianópolis. Serão analisadas as notícias que, mesmo não se propondo a serem de divulgação sobre o “passado histórico” da cidade, acionam o passado, ou aspectos deste passado a fim de referendar o discurso de divulgação da cidade enquanto destino turístico. Ao mesmo tempo em que divulgam notícias do presente, apropriam-se de aspectos do passado e o reelaboram a partir dos interesses presentes e dos projetos futuros que estão sendo construídos para a cidade.

No final da década de 1970 e início da década de 1980 a capital catarinense passa por um “boom” do turismo, que ocorreu devido a vários fatores que contribuíram para seu desenvolvimento. Entre esses salientamos várias obras de infraestrutura, principalmente viárias, como a conclusão BR-101, que possibilitou acesso mais rápido para as cidades do litoral catarinense; o asfaltamento da SC-401, em 1974, que leva as praias do norte da Ilha de Santa Catarina e a construção, em 1981, do Terminal Rodoviário Rita Maria em Florianópolis. Além da presença crescente de turistas provenientes dos estados vizinhos, principalmente do Rio Grande do Sul, salientam-se os turistas argentinos, presença marcante no verão da década de 1980 em função da situação econômica positiva na qual se encontrava o país vizinho.

As tentativas para desenvolver o turismo litorâneo na capital e também outras partes do litoral catarinense vinham ocorrendo desde a primeira metade do século XX. Em Florianópolis, a construção do Hotel Balneário de Canasvieiras, na década de 1930, no norte da ilha tinha como

objetivo proporcionar boas acomodações para famílias com poder aquisitivo a procura de lazer. Vale ressaltar que a construção deste hotel foi realizada por um grupo de acionistas d'A Empreza Balneária Beira Mar que queria construir instalações modernas a beira-mar. Além do capital privado, o empreendimento contou com dinheiro público, uma vez que o governo do Estado tinha parte na sociedade, passando inclusive a controlá-lo. Houve então, por parte do governo catarinense, um grande esforço para promover o hotel, e conseqüentemente, o turismo na região norte da ilha de Santa Catarina. O acesso para o norte da ilha, antes muito precário, torna-se mais viável com uma nova estrada (atual Rodovia SC 401). Mas, o Hotel Balneário de Canasvieiras não teve o sucesso esperado, enfrentando altos e baixos. A ideia de hospedar turistas não decolou a princípio, o que acabou por acarretar em seu fechamento em 1939. Sua reabertura ocorre por volta de 1940 por uma família de Canasvieiras que alugou o edifício. A reinauguração do hotel vai ocorrer de uma forma muito expressiva para a época: ela vai ser realizada no período da noite para mostrar que havia energia elétrica própria, por meio de geradores, já que neste período a região de Canasvieiras não possuía luz elétrica. (BITENCOURT, 2005).

A construção do Hotel Balneário de Canasvieiras ocorreu devido ao incentivo público e interesses políticos. Esses interesses estão interligados com o desenvolvimento das políticas voltadas para o turismo. Com a valorização dos terrenos a beira mar, muitas áreas são desapropriadas pelo poder público ao mesmo tempo em que ocorrem apropriações e investimentos na área pela iniciativa privada. Durante seu governo, Aderbal Ramos da Silva (deputado federal e governador do estado no período 1947-1951), apropriou-se de alguns terrenos localizados na região norte da ilha de Santa Catarina com a idéia inicial de lotear a área a fim de vender aos

turistas. No entanto, estas áreas tornam-se, em 1956, propriedades particulares. Durante o seu governo houve grandes investimentos públicos na região norte da ilha, local onde sua família detinha grandes extensões de terra, o que contribuiu com a valorização imobiliária da região e por consequência com a valorização de suas propriedades. (BITENCOURT, 2005).

A ideia de construir hotéis para “chamar turistas” não ocorreu apenas entre a elite florianopolitana. Na praia de Cabeçudas, no litoral norte do estado, uma família de blumenauenses, descendentes de alemães, funda em 1912, o Hotel Herbst, que começou como uma pequena casa para pessoas que procuravam cura para doenças e descanso e torna-se, com o passar do tempo, um local de lazer e turismo. Os imigrantes e descendentes de alemães trouxeram o hábito do banho de mar a partir de suas viagens pela Europa. A praia de Cabeçudas foi uma das pioneiras em desenvolver o lazer na praia e a apresentar hotéis para estes fins. (CHRISTOFFOLI, 2003).

Mas, para efetivar Florianópolis como um destino turístico não bastaria apenas expor suas belezas naturais. Foi necessário ocorrer mudanças na estrutura das praias, na parte urbana da cidade, bem como nos hábitos das pessoas que aqui viviam para melhor recepcionar e agradar os que a visitam e que trazem lucro e notoriedade a Florianópolis.

O hábito de ir à praia e utilizá-la como um local de lazer se torna mais constante a partir da década de 1960, mas, é na década de 1980 que acontece o crescimento do turismo das praias da capital catarinense. Em função desse “boom” é de grande valor estudar este período, que compreende as décadas de 1980 a 2010, para perceber como foi o processo de construção desta cidade como destino turístico e as transformações discursivas no decorrer dos últimos 30 anos. Para isto foi selecionado como

fonte para este artigo a análise de notícias veiculadas no jornal *O Estado*. A escolha deste jornal deve-se por ser o mais antigo em circulação, bem como o fato de sua redação ser sediada em Florianópolis, sua distribuição ser diária e abranger todo o estado de Santa Catarina até o ano de 2007, quando ocorreu o seu fechamento. Lembramos que o Jornal Diário Catarinense, atual líder de mercado, somente iniciou sua circulação no ano de 1986.

Mas, para a utilização de um impresso como fonte histórica é necessário antes fazer algumas considerações a respeito deste tipo de fonte. É necessário identificar seus interesses, o papel desempenhado por ele na sociedade, pois, enganam-se os que pensam que jornal tem somente a função de informar o leitor apresentando sempre a verdade sobre os acontecimentos. Escrever em um periódico possibilita, além da elaboração de um texto contando um determinado fato, também a transmissão de uma mensagem de quem escreve para quem lê e o interpreta (TUPY, 2007). O jornal, como outros meios de comunicação, direta ou indiretamente, influencia o modo de pensar e agir de seus leitores.

O jornal *O Estado* teve grande importância no estado de Santa Catarina durante o decorrer do século XX. Foi fundado por Henrique Rupp Júnior e Ulysses Costa em 1916, período em que a capital catarinense estava passando por grandes transformações em função da modernização que se pretendia realizar. De fácil linguagem, *O Estado* tinha como proposta editorial defender os interesses do povo e a causa dos fracos sem, no entanto, incentivar instintos de revolta (PEREIRA, 1992). Em 1918 é comprado por Augusto Lopes da Silva e a partir de 1925 passa a ser propriedade de Victor Konder, deputado federal e ministro no governo de Washington Luís (1926-1930), e posteriormente passando para as mãos de mais alguns políticos. Em 1947 passa a ser de propriedade de Aderbal

Ramos da Silva, que se torna governador do estado catarinense neste período. Vendia-se como um jornal de boa qualidade e sem qualquer vínculo partidário (PEREIRA, 1992). Mas é necessário deixar claro que esse era o discurso do jornal, pois no período em que o jornal surgiu era o único periódico que não tinha vínculo partidário declarado como os outros jornais da época que eram órgão de algum partido político. No entanto, apesar de não ser um órgão partidário como os outros, *O Estado* tinha vínculos com grupos políticos locais, até porque seu proprietário estava envolvido na política catarinense. *O Estado* transforma-se no principal periódico de Santa Catarina (PEREIRA, 1992) e o mais antigo a partir da década de 1940. Este fato era salientado na capa do jornal com a seguinte frase: “*O mais antigo jornal de Santa Catarina*”. De acordo com Moacir Pereira “não era um grande e respeitado jornal. Era uma escola de jornalismo” (1992: 119). Durante o governo civil militar o jornal teve muitas vezes suas reportagens censuradas vindo a ocorrer, em algumas ocasiões a prisão de jornalistas de seu quadro funcional.

Desde sua criação, *O Estado* dizia-se comprometido com o povo, com a verdade. Apesar de privado e não partidário, sua relação com a política sempre foi muito estreita, uma vez que muitos de seus donos participavam do cenário político catarinense. Neste sentido, apesar de se dizer isento, o jornal servia para divulgar as atividades públicas nas quais estavam envolvidos seu proprietário e o grupo do qual este fazia parte (GOUVÊA, 2011). Ao longo da história da imprensa catarinense, houve uma relação íntima com a política e com os partidos políticos de Santa Catarina. Ao perceber os interesses políticos que orientaram a linha editorial do jornal é evidente que as notícias vão sendo divulgadas positivamente quando o governo do Estado estivesse nas mãos da família Ramos ou do

partido apoiado por eles, sendo que o contrário ocorrerá quando o poder estiver nas mãos da oposição deste grupo.

O jornal *O Estado* não se encontra mais em circulação desde 2007. No período selecionado para este artigo (década de 1980) seu proprietário era Rubens de Arruda Ramos (genro de Aderbal Ramos da Silva) sendo que alguns familiares do político trabalhavam como colunistas do jornal. O governador de Santa Catarina era Jorge Bornhausen de 1979 a 1983, eleito pelo voto indireto, pois o Brasil neste momento tem como regime político um governo civil militar implantado desde 1964. Após uma fase mais dura, na década de 70 e na década de 80 o regime começa a enfraquecer, sendo este período conhecido como de reabertura política do país, cujo processo de redemocratização foi lento e gradual (KINZO, 2001). Em 1982 ocorrem eleições diretas para governador do Estado, porém a escolha para a presidência do país ainda se encontravam nas mãos dos militares. Em Santa Catarina, os governadores que administraram o Estado neste período de transição foram: Jorge Konder Bornhausen – 1979 a 1982 - (Aliança Renovadora Nacional, ARENA), voto indireto; Henrique Helion Velho de Córdova – 1982 a 1983 - (ARENA) voto indireto; Esperidião Amin Helou Filho – 1983 a 1987 - (ARENA), primeiro governador eleito pelo voto popular após o golpe civil militar.

Ao verificar as notícias divulgadas sobre o turismo em Florianópolis no jornal *O Estado* é perceptível, ao longo dos anos, a preocupação com a infraestrutura da cidade para receber os turistas. Essa preocupação fica mais constante nos meses de outubro a fevereiro, período de preparação para a temporada de verão, e durante a temporada propriamente dita. O governo do Estado, sabendo do valor do turista, lança campanhas para a população recepcionar bem os visitantes. Com propagandas intituladas: *“Mostre ao*

turista nossa marca registrada” (O Estado, 18/01/1985, p. 07), cujo texto solicita que os catarinenses tratem bem os visitantes, pois eles ajudam na economia do estado beneficiando a todos, bem como salienta as belezas de Santa Catarina, que por isso atrai muitos turistas, em especial, no verão. Como afirmado nessa propaganda, e em inúmeras outras, Santa Catarina chama a atenção dos turistas por suas belezas naturais, sendo Florianópolis um desses lugares de beleza exuberante. O componente paisagístico é um elemento essencial para o consumo turístico (OURIQUES, 2005). No entanto, não é o único componente, pois é necessário uma boa estrutura para recepcionar e comportar os turistas, que aumenta a população, exigindo uma maior oferta de serviços.

O caminho que Florianópolis percorreu para se tornar um local turístico foi demorado. Segundo Márcia Fantin (2000) a cidade despertou tardiamente para a modernização, se comparada com outras capitais do Brasil. Na década de 1970 iniciou-se a construção do Aterro da Baía Sul que possibilitou a construção da segunda ponte, a ponte Colombo Salles, inaugurada em 1975. O aterro afastou o centro da cidade do mar, mas possibilitou novos acessos a ilha e também espaços para construções importantes, como o novo Terminal Rodoviário Rita Maria, inaugurado em 07 de setembro de 1981. Segundo as propagandas do governo do estado publicadas no jornal *O Estado* seria “... o novo cartão postal da cidade” (O Estado, 06/09/1981: 13). Uma maneira de “chamar” turistas para Florianópolis.

Nos anos de 70 e 80, Florianópolis vai sendo moldada de acordo com as grandes cidades brasileiras. Grandes obras são realizadas com o intuito de melhorar a infraestrutura e proporcionar aos turistas mais conforto. Na década de 1970 foi construída a Avenida Beira-Mar Norte,

inaugurada em 1980. No ano de 1981 houve a inauguração do trecho Costeira-Rio Tavares que foi noticiado no jornal *O Estado*, no qual as propagandas enfatizavam ser esta uma obra do governo de Jorge Bornhausen. A propaganda salienta que este esse novo trecho visava “... otimizar o escoamento da produção pesqueira, agilizar o transporte coletivo e incrementar o turismo no sul da ilha”, principalmente nas praias do Campeche, Armação e Pântano do Sul. Concluía afirmando que “... por tudo isso, Florianópolis é, boa de se viver...” (O Estado, 22/10/1981: 21). A terceira ligação ilha-continente somente seria concluída no início da década de 1990, sendo inaugurada em 08 de maio de 1991. As transformações urbanas em Florianópolis se tornam, a partir da década de 1970, mais evidentes. Estas transformações, tão acentuadas neste momento, têm relação com o período pelo qual o Brasil passava, conhecido como “Milagre Econômico”.

Novos moradores chegavam para morar na cidade, muitos destes veranistas que se encantaram com a ilha e resolveram residir na cidade. Novas e grandes construções eram feitas nesse meio tempo devido ao crescimento populacional, mas esses eventos não estavam ocorrendo de maneira planejada (SILVA, 2009). A década de 1970 se caracterizou por grandes transformações no cenário urbano da cidade perdendo um pouco do fôlego no início da década de 1980. No entanto, não foram medidos esforços para concretizar os investimentos que tinham a intenção de incrementar o turismo na cidade.

A preocupação com a infraestrutura da capital vem ao encontro da preocupação em receber os turistas, mais exatamente os argentinos, que são presença emblemática na década de 1980. São muitas as notícias a respeito deste assunto neste ano, ressaltando nas reportagens as vantagens

econômico-financeiras e por isso o dever de tratar bem os argentinos. As casas de câmbio, ou melhor, a falta dessas casas e os planos para a criação destas é outra questão que o jornal passa a abordar constantemente. Em função da forte presença dos argentinos este momento é denominado nas páginas d'*O Estado* como a “invasão” dos argentinos (O Estado, 20/01/1980: 16). O “portunhol” passa a fazer parte da vida dos moradores da cidade, nas igrejas, nas lojas, nas praias e restaurantes.

A capital de Santa Catarina durante o verão é freqüentada por turistas uruguaios e paraguaios, mas os turistas argentinos tornam-se os personagens principais do verão florianopolitano. Essa presença marcante dos argentinos na capital está intimamente ligada com a situação econômica positiva em que se encontrava a Argentina, diferente da situação brasileira, o que possibilitou essa “invasão” devido ao câmbio favorável. Outro fator deve-se a proximidade com o estado catarinense, uma vez que a maioria dos turistas vinha de ônibus (em sua maioria fretada) ou de condução própria.

A existência de um local de turismo pressupõe grandes transformações nas estruturas de consumo, o que resulta em novos hábitos e novos comportamentos adquiridos pela sociedade (FLORES, 1997). E é o que ocorre em Florianópolis. A cidade, enquanto local de turismo, começa a adaptar-se a novos hábitos, uma vez que existe, por parte dos moradores, principalmente da classe média de Florianópolis, um desejo de criar uma cidade desenvolvida e apta para o turismo. Nesse sentido, ocorrem investimentos na estrutura da cidade que acarretam em novos hábitos entre os florianopolitanos. Surgem, e passam a circular, inquietações e várias críticas por parte dos moradores locais, entre as quais o desaparecimento das tradições em nome do desenvolvimento (O Estado, 08/02/1980: 04).

Os temas sobre o progresso e sobre a não preservação das tradições locais são postos em debate nas reportagens d’*O Estado* durante a década de 1980. A tradição da pesca, por exemplo, em função do progresso, acaba sendo prejudicada (O Estado, 04/011981: 17). Há um empenho por parte de empresários e do governo em unir o turismo com as tradições de raízes açorianas, visto como um diferencial que possibilitaria atrair os turistas. Dava-se início a criação de práticas como o treinamento para o trabalho como guias turísticos e a divulgação das tradições ditas açorianas. Apresentações de boi-de-mamão começam a ocorrer em dias comuns com o simples objetivo de mostrar as tradições para os turistas como é divulgado pelo jornal *O Estado*. O folclore da ilha começa a deixar de ser simples apresentações em datas específicas para pequenos grupos locais e passam a ser apresentadas em palcos em datas diversas e para um público diversificado e curioso em conhecer a cultura dos moradores da ilha, ou seja, a cultura dita açoriana (ZANELA, 1999).

O valor atribuído a cultura de raiz açoriana em Florianópolis nem sempre foi positivo. À colonização açoriana, no litoral catarinense, por muito tempo não era atribuída grande importância. O homem que residia no litoral era apontado como o fracassado, ao contrário dos descendentes de colonização alemã e italiana que ocuparam outras regiões do estado e que eram caracterizadas como desenvolvidas e responsáveis pelo sucesso de Santa Catarina. Logo, o homem do litoral, ou seja, os descendentes de açorianos ficaram com uma memória negativada (FLORES, 1997). A obra *Homens e Algas* de Othon Gama D’Eça, publicada em 1957 descreve um povo sofrido, infeliz: “Eu vi, por estas praias [...] os agudos aspectos que constituem, com inexorável determinismo, o todos-os-dias de um povo triste e sem esperanças” (2003, p. 11). A imagem transmitida do homem do

litoral, o açoriano, estava associada a termos negativos, ao contrário dos povos de colonização italiana e germânica, e essa era a representação que se conservava dos descendentes de açorianos que habitavam o litoral de Santa Catarina.

Este cenário começa a se transformar a partir de 1948, quando ocorre em Florianópolis o 1º Congresso Catarinense de História. Organizado pelo Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) tinha como finalidade comemorar os 200 anos de colonização açoriana em Santa Catarina e, com isso, resgatar o papel do açoriano na colonização de Santa Catarina. Após o Congresso de 1948 ocorre um esforço, por parte de um grupo de intelectuais e políticos, em valorizar as origens e a herança açoriana do estado catarinense. Desde o início do século XX, devido às duas Guerras Mundiais na qual a Alemanha e o Brasil estiveram em lados contrários, ocorreu uma necessidade de repensar o papel dos imigrantes, principalmente os de ascendência germânica, na construção da identidade catarinense. Na década de 1960 ocorre um abrandamento dessa valorização já que os intelectuais que estavam envolvidos na temática “açoriana” concentraram-se na criação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (LEAL, 2007). Além disso, com a mudança no contexto histórico da primeira metade do século XX, na década de 60 começa a constatar-se uma retomada da valorização do ser descendente de alemão e italiano, que se tornará mais forte a partir da década de 80 e 90, quando vai ser divulgado o discurso de Santa Catarina inicialmente como um pedaço da Europa no Brasil e posteriormente como o estado da diversidade, um mosaico cultural.

Neste final de século XX os discursos identitários retomam com força. A identidade açoriana começa a ser novamente valorizada a partir das décadas de 1970 e 1980. Com o intuito de agregar valor ao produto

Florianópolis, o discurso turístico se apropria de aspectos desta cultura para divulgar a capital, bem como outros municípios do litoral catarinense, como uma grande vitrine da cultura açoriana, apresentando performances que representam esta cultura (LEAL, 2007). Utilizam-se não somente o boi-de-mamão, mas também festas do Divino, ternos de reis, produtos artesanais, histórias de bruxas, etc. Em suma, tudo aquilo que fosse considerado representativo da cultura açoriana e que poderia atrair o olhar e o interesse dos turistas.

Segundo Ouriques (2005) o turismo no Brasil como um todo vem se pautando na invenção de tradições e pela transformação do folclore e das festas populares em mercadorias turísticas, transformando a cultura em um espetáculo. Divulga-se então, esse “espetáculo”. Isto pode ser percebido ao analisarmos o jornal *O Estado*. Nos primeiros anos da década de 1980 são divulgadas propagandas direcionadas as apresentações folclóricas, com uma concentração maior nas temporadas de verão. E nestas notícias fica evidente qual o público alvo, como mostra a nota abaixo:

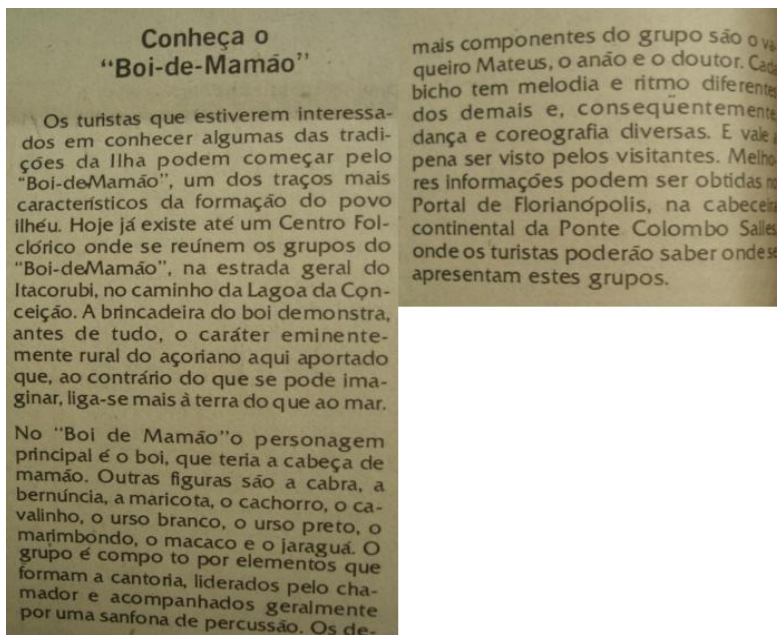


Figura I: Conheça o Boi-de-Mamão. O Estado, 06 de janeiro 1985, p.10.

A nota inicia mostrando para quem era direcionada a notícia: “*Os turistas que estiverem interessados...*”, em conhecer aspectos tradicionais da ilha sugere-se conhecer o boi de mamão. O folclore é transformado em um espetáculo, uma mercadoria para os turistas. Neste espetáculo o objetivo não é brincar, participar de uma dança que tinha significado para os grupos no passado (e também no presente). Nesses lugares o espetáculo aprecia a vitória da mercadoria que produz cenários superficiais, vigiados e controlados sob o aspecto de liberdade (CARLOS, 1999). A cultura dita açoriana torna-se um espetáculo, uma mercadoria para Florianópolis vender e ser consumida pelos que a visitam.

Começa no ano de 1983, com o governo de Esperidião Amin, eleito pelo voto direto, um discurso ainda mais forte valorizando a cultura

açoriana (ZANELA, 1999). Reportagens sobre os restaurantes tradicionais da ilha e as comidas locais como o caldo de peixe (O Estado, 16/02/1983: 24) com um atendimento *“bem à moda do ilhéu”*, com simplicidade e muita calma para servir os visitantes, ou então reportagens no qual são divulgadas as mais de 40 belas praias que a ilha possui (O Estado, 07/01/1983: 22).

No ano seguinte é criado na UFSC o Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) com o objetivo de estudar a cultura de base açoriana no litoral catarinense. No mesmo ano ocorreu, no mês de março, a 1ª Semana de Estudos Açorianos na UFSC que tinha como objetivo retomar a consciência “açorianista” e que contou com a participação do reitor da Universidade dos Açores que realizou uma palestra de abertura (LEAL, 2007). Além disso, visitou o *“Ribeirão da Ilha, localidade que preserva e retrata aspectos dos imigrantes do arquipélago [dos Açores]...”* (O Estado, 20/03/1984: 07). Durante a semana que ocorreu o evento *O Estado* veiculou constantemente notas cujos títulos incentivavam a valorização da herança açoriana. Segundo este jornal o objetivo desta 1ª Semana de Estudos Açorianos é: *“O resgate da memória da colonização açoriana e sua contribuição para o desenvolvimento do litoral do estado”* (O Estado, 22/01/1984: 07).

Ao ler as notícias divulgadas pelo jornal *O Estado* fica evidente preocupação em ligar a cultura açoriana ao turismo na capital, pois afirmam que é necessário expor as tradições da ilha para que elas não sejam esquecidas, atribuindo essas exposições da cultura dita açoriana como uma maneira de não esquecê-la. Está embutida nestas notícias não apenas a manifestação cultural tradicional, mas também, um componente a ser vendido para a indústria do turismo (ZANELA, 1999), tornando-se, não somente exposição das tradições, mas uma mercadoria para o mercado do turismo em expansão em Santa Catarina (RICHTER et al., 2004).

A cultura dita açoriana torna-se uma mercadoria, porém, para expor as tradições é necessário selecioná-las e às vezes modificá-las para que fiquem do agrado dos visitantes positivando algumas características, excluindo e criticando outras que não causam boa impressão como, por exemplo, a farra do boi.

O termo “manezinho” ou “mané” era empregado para denominar quem nascera na ilha de Santa Catarina, os “nativos” (FANTIN, 2000), que tinham origem açoriana e se caracterizavam por falar rápido, quase que cantado, sendo para algumas pessoas impossível a compreensão do que se falava. Ser chamado de “manezinho” ficava longe de ser um elogio, era uma terminologia que tinha uma conotação pejorativa. Para confirmar esse significado, no ano de 1980, no mês de outubro, o jornal *O Estado* explica em uma reportagem o termo “manezinho”: “... pessoas que não estão dentro dos padrões estabelecidos pela última moda do verão...” (O Estado, 16/10/1980: 24). Os adjetivos explicando o significado eram negativos, e carregados de preconceito (FANTIN, 2000). Neste momento a palavra que caracteriza o morador de Florianópolis é “ilhéu”. Este termo se torna constantemente utilizado nas reportagens d’*O Estado*.

Diferente do início da década de 1980, quando o termo “manezinho” tem um sentido pejorativo, no final desta mesma década, mais precisamente em 1987 o jornalista ilhéu Aldírio Simões cria a premiação e homenagem aqueles denominados “manezinho” através do troféu “Manezinho da Ilha” com o qual personalidades e nomes influentes da capital foram premiados com a intenção de registrar o que estava “desaparecendo” (ZANELA, 1999). Este “desaparecimento” está relacionado com a preocupação em manter viva as tradições locais da ilha as quais estariam sendo esquecidas em função do progresso que ocorria na

capital no período de 1970 e ainda mais forte em 1980. O “ser manezinho” transforma-se então em um elogio, espécie de ícone da cidade, um orgulho local.

A figura mais emblemática a respeito disso é o tenista Gustavo Kuerten, o Guga, tri-campeão do torneio francês de tênis de Roland Garros, tornando-se um “herói nacional” e motivo de orgulho, em especial para os moradores de Florianópolis. A partir daí o termo “manezinho” torna-se conhecido nacionalmente como um elogio. O “manezinho da ilha” ganha “status” e se torna marca registrada de Florianópolis.

Contemporâneo a ressignificação da palavra “manezinho” está à questão da farra do boi. Após o “boom” do turismo em Florianópolis nem todas as tradições foram valorizadas, somente aquelas que aos olhos dos visitantes fossem atrativas, o que não era o caso da farra do boi. O que se percebe ao analisar o jornal *O Estado* no período da década de 1980 é o surgimento e crescimento de campanhas contra a farra do boi nos meses em que se aproximam da Páscoa. Há um investimento dos meios de comunicação para combater esta prática.

Entre as várias ações desenvolvidas, *O Estado* engaja-se numa campanha contra esta prática utilizando-se tanto de frases fortes, criando uma imagem bastante cruel de quem participa, como “*Respeite os direitos dos animais. Não brinque de esfolar um boi vivo...*” (O Estado, 05/041/981: 05) como de charges:



Figura II: A farra do Boi. O Estado, 20/04/1984, p.04.

Nas reportagens ressalta-se a ideia que se desenvolveu a respeito da farra do boi, vinculada a tortura e a selvageria (FLORES, 1997). Isto pode ser constatado em uma nota de um leitor sobre a farra do boi publicado no jornal *O Estado*, intitulada *Selvageria* (20/04/1984: 04). Esta representação sobre esta prática se afirma cada vez mais nas reportagens publicadas n’*O Estado* no decorrer dos anos subsequentes.

Como entender tal barbárie praticada pelo “manezinho da ilha”, aquele caracterizado, neste momento, como tranqüilo, bom, paciente? Isso não poderia continuar, deveria ser esquecido. No momento em que há uma preocupação com a natureza, uma sensibilidade com os animais, no momento em que Florianópolis se abre para a indústria do turismo (FLORES, 1997) a cidade não combinava com tal prática.

Muitos foram os investimentos para combater o que para a indústria do turismo denegria a imagem de Florianópolis, assim, como também investimentos do governo, prefeitura e empresários para o “resgate” da história açoriana. Uma história que deveria ser do agrado do público. Os

jornais de Santa Catarina começam a divulgar Florianópolis como um local tipicamente açoriano. Essa divulgação é presente n’*O Estado*, mostrando as igrejas, a arquitetura, o jeito de falar, a culinária, a figura do ilhéu como um povo simples, mas hospitaleiro entre outros atrativos associando a cidade e seus habitantes à cultura dita açoriana. É divulgada n’*O Estado* a figura do ilhéu, o “nativo” como um povo simples, mas hospitaleiro, alegre e religioso.

Esse investimento ocorre uma vez que o “olhar do turista” seleciona o que deseja ver e não ver. Paisagens, estilos de vida, artefatos históricos entre outros se tornam objetos do olhar do turista (OURIQUES, 2005). O olhar do turista é estabelecido em relação com o seu contrário, com atitudes não-turísticas de experiência e de consciência social, fazendo com que o olhar do turista dependa daquilo que ele contrasta (URRY, 2001). Eles buscam encontrar o que vai ser, aos seus olhos, mais prazeroso. O que não ocorre com a farra do boi que, aos olhos do turista não é algo apreciável. Em função disso, é necessário o apagamento dessa cultura.

A cada temporada de verão em Florianópolis *O Estado* divulga uma página, denominada “*Verão e o presente ano*”, no qual são informados todos os dias roteiros turísticos em Santa Catarina, sobretudo no litoral, e suas características. Muitas dessas reportagens citam a colonização açoriana. Como: “*Santo Antônio e Sambaqui: recantos de paz, histórias e colonização açoriana*” (*O Estado*, 15/10/1985: 11). Verifica-se que os adjetivos dados aos lugares são positivos assim como “colonização açoriana”.

As reportagens a respeito do turismo em Florianópolis publicadas n’*O Estado* são constantes no decorrer do verão. Contudo, após esse período as notícias acerca desta temática diminuem e o jornal direciona as

informações turísticas para outras localidades de Santa Catarina. Ou seja, o jornal *O Estado* faz a grande propaganda de Florianópolis no verão, o que mostra que neste momento o turismo era concentrado neste período do ano. As notícias sobre o turismo em Florianópolis começam a ficar menos frequentes no final do mês de fevereiro, voltando a noticiar com mais enfoque no turismo no mês de outubro, mostrando os preparativos para o verão, os problemas de infraestrutura que não foram resolvidos na última temporada.

Hoje Florianópolis tornou-se conhecida mundialmente como um local turístico, todavia, temas como infraestrutura ainda são debatidos. A cidade cresceu, mas de forma desordenada, o que leva os governantes a tentativas de remediar a cada temporada de verão. Após o período do veraneio, os problemas são deixados de lado se acumulando novamente na próxima temporada. A cidade é bonita, as tradições ditas açorianas são símbolos da cidade, até a palavra “manezinho” é motivo de orgulho, assim como também, o jeito de falar. Tudo isso foi construído para atender uma demanda voltada ao turismo.

Artigo enviado em julho de 2013; aprovado em novembro de 2013.